



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O REMIX NA PRODUÇÃO DE NARRATIVAS TRANSMÍDIA: NOVA FORMA DE NARRAR NA CULTURA DA CONVERGÊNCIA

Arice Cardoso Tavares (1); Dulce Márcia Cruz (2)

Universidade Federal de Santa Catarina, aricetavares@gmail.com; Universidade Federal de Santa Catarina, dulce.marcia@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar a produção de narrativas transmídia (NT) divulgadas na web, buscando em suas constituições o *remix* e discutindo a questão da cultura da convergência. O *remix*, aqui tomado como produto e/ou processo técnico-semiótico que vem se mostrando como elemento central nas práticas discursivas no contexto da cibercultura, é elemento constante na produção das NT. A observação se dá sob o prisma das “leis” fundadoras da cultura digital que constituem o tripé: a liberação do polo da emissão, a questão da conexão em rede e a reconfiguração do formato das mídias e novas práticas sociais. O artigo objetiva contribuir para uma observação mais significativa do *remix* em NT, visto tanto como uma técnica de produção como um método de criação, para discutir o conceito de narrativas, realizando a observação prática de um objeto. Metodologicamente, a pesquisa incluiu a análise de material audiovisual e a organização destes dados à luz das categorias analíticas de estratégias interpretativas no texto e estratégias de compreensão e expansão narrativa.

Palavras-chave: remix, cibercultura, narrativas transmídia, cultura da convergência.

1. INTRODUÇÃO

As narrativas fazem parte da vida do homem desde sua origem. As reflexões sobre narrativas e formas de narrar começam pelo filósofo Aristóteles em sua obra *Poética* e se estendem até a atualidade. Aristóteles, com sua obra de 335 a.C, pode ser considerado quem deu o grande início às discussões sobre as relações entre o modo de narrar e a representação do cotidiano, bem como todos os efeitos sobre, até então, ouvintes e leitores. A profundidade com que este filósofo abordou e analisou a tragédia até hoje permanece como obra referência para a compreensão da narrativa.

Narrativa, em seu sentido mais amplo, é a denominação de um conjunto de estruturas transmitidas histórica e culturalmente, as quais são delimitadas pelo nível do domínio de cada indivíduo e pela combinação de técnicas e/ou habilidades linguísticas. As palavras e enunciações são consideradas por Mikhail Bakhtin (2004) como elementos centrais das narrativas e também responsáveis pela produção de significados pelos sujeitos.

Tradicionalmente orais ou escritas, hoje as narrativas vêm tomando outras características, passando por uma verdadeira expansão. O papel agora não é apenas da palavra. Imagens, sons, vídeos e músicas passam a compor estas narrativas, agora



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

compreendidas como um fenômeno ideológico por excelência e capazes de representar de forma verdadeira as relações sociais.

Hoje são inúmeras as possibilidades de narrar. As histórias, agora, podem ser produzidas por combinações de mídias, resultado da tecnologia digital interativa. A forma de contar histórias vem mudando, são novas formas de produzir textos, que se mesclam com imagens, letras, sons e outros tantos recursos. Novas maneiras de contar advindas de práticas sociais diferenciadas, com o uso de múltiplas linguagens midiáticas, o que, cada vez mais, propicia a organização de experiências por meio de histórias que articulam acontecimentos com vídeos, textos, fotos, vozes, design. As novas narrativas, denominadas “transmídia” ou “transmidiáticas” (SCOLARI, 2011; 2013), as quais serão apresentadas e definidas a seguir, são foco de discussão e análise neste trabalho.

Neste artigo também destacamos o remix como técnica de produção das narrativas transmídia. Ainda que seus princípios constitutivos lhe sejam anteriores, oriundos da música, o remix vem se mostrando como elemento central nas práticas discursivas no contexto da cibercultura. Discussões sobre a cultura da convergência (JENKINS, 2008) permearão este texto e fecharemos com uma análise de uma narrativa veiculada nas redes sociais.

É cada vez mais crescente a facilidade de acesso e produção de diferentes materiais culturais, especialmente via redes, o que vem mudando muito a maneira como nos relacionamos com textos, vídeos e imagens e o que nos traz inúmeras outras experiências, uma vez que passamos de consumidores a consumidores/produtores. Jenkins (2008) sinaliza a existência de novos ambientes, em que a interação e participação do público (até então apenas consumidor) como produtores midiáticos torna-se cada vez mais inevitável.

Estamos na cultura digital, passando por um processo de reorganização de todas as esferas da ação humana mediadas pelas tecnologias digitais. Vivemos em rede, nossos dispositivos estão interconectados e são convergentes, temos, hoje, a possibilidade de montar a nossa própria fruição, nossa própria mistura de material mídiático. Mais que ser consumido, o conteúdo anda conosco, mora em nossa mente, em nossos aparatos tecnológicos, em nossos bolsos. Pelo aspecto da cultura, a facilidade de alteração de todo material digital produzido gera também novas possibilidades de uso. É o que Lessing (2009) define como cultura alterável (Read-Write Culture), quando os produtos culturais deixam de ser apenas para consumo, permitindo a recombinação e produção de produtos novos a partir dos interesses do público consumidor/produtor.

Dentro desse contexto, se agregam às produções textuais na rede outras semioses que passam a compor o texto (som, imagem, música, movimento).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

As possibilidades de leitura e produção de textos (hipertextos) hipermodais se multiplicam na cultura digital. Somos capazes de citar imagens e sons juntos, criar vídeos sobre textos e textos sobre músicas e juntar tudo isso. As citações entre eles são mixadas junto. Esta mistura produz um novo trabalho criativo, o remix, bastante encontrado nas produções de narrativas transmídia.

Por Narrativas Transmídia (NT) entendemos toda narrativa que se desenvolve em diferentes (e múltiplas) plataformas de mídia. Em cada um desses espaços, as narrativas se entrelaçam e contribuem para a compreensão das histórias. Scolari (2013) define as NT como “um tipo de relato que se expande por meio de múltiplos meios e plataformas de comunicação, no qual uma parte dos consumidores assume um papel ativo no processo de expansão”. (SCOLARI, 2013, p. 36, tradução nossa).

O fato de as narrativas se desenvolverem em mais de um espaço, muitas vezes paralelamente, não pode comprometer a compreensão da narrativa como um todo, nem a compreensão de uma determinada parte específica. Cada um dos meios no qual a história (ou as histórias) é/são contada/s apresenta/m blocos narrativos que somados compõem um arco narrativo maior, o qual compreende todos os demais. De acordo com Jenkins (2008), cada “franquia” deverá ser autossuficiente, permitindo que o consumidor possa ter a compreensão das histórias, sem a necessidade de transitar em todos os meios nas quais ela é narrada. Por outro lado, é importante destacar que para a maior compreensão é importante o “consumidor” ter acesso e transitar por todas estas plataformas em que a narrativa se expande, o que certamente enriquecerá sua experiência de leitura.

O surgimento das Narrativas Transmídia alterou significativamente a produção de narrativas de nosso tempo; mudando a forma como as histórias são apresentadas, a maneira que ocorrem as produções, como também o modo como o receptor se relaciona com os textos. É o que nos diz Aranha (2011):

Estas novas atribuições do leitor demandam, por conseguinte, novas formas de lidar e pensar o texto. É importante que ele esteja alinhado com a lógica das tecnologias envolvidas (impresso, áudio, vídeo, multimodal) para que seja possível perceber a própria existência da narrativa. Se o leitor não é capaz de reconhecer o texto, não será, por via de consequência, capaz de acessá-lo, de reconhecê-lo, de fruí-lo. (ARANHA, 2011, p. 3)

A relação entre receptor/leitor e o material midiático passa a ser mais exploratória, pois além da narrativa que está “em suas mãos” ele passa a investigar, encontrar e explorar outras plataformas em que as narrativas são distribuídas. Além disso o leitor se converte em produtor “prosumidores”(produtor + consumidor), e encontra na remixagem uma forma de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

materializar suas produções. Para Lemos (2005), a re-mixagem é o princípio que rege a cibercultura. O autor entende re-mixagem como o “conjunto de práticas sociais e comunicacionais de combinações, colagens, cut-up de informação a partir das tecnologias digitais”. (LEMOS, 2005, p.1). É importante destacar aqui que esta prática de “misturar”, de reutilizar, recombinar e produzir novos textos/mídia/produtos não é nova. Ela está presente, há bastante tempo, especialmente na 7ª arte, o Cinema, com adaptações de obras literárias para filmes, de filmes para quadrinhos e assim por diante, mas ainda é mais comum na música, em que estes recortes e (re)montagens – remix – há muito são usados como uma técnica de produção, um método de criação.

O que é a novidade então? Por que discutir o fenômeno remix nas Narrativas Transmídia? A novidade, hoje, é que esses processos acontecem através dos meios digitais. É através da remixagem que a produção de novos produtos vem sendo potencializada e ampliada. Como já dissemos, as Narrativas produzidas atualmente e que circulam na web, possuem a característica de misturar gêneros, mídias, modalidades, linguagens e textos, essa é uma propriedade presente e marcante no âmbito da cultura digital (ou da cibercultura remix, como denomina Lemos [2005]). Lankshear e Knobel (2011) destacam a grande relevância desta cultura remix para a sociedade, pois envolve o uso e domínio de inúmeras ferramentas tecnológicas que, em sua maioria, estão disponíveis a qualquer momento e em qualquer lugar, mas que muitas vezes não instigam o desenvolvimento criativo. Os autores descrevem remix como “a prática de tomar artefatos culturais, combiná-los e manipulá-los de modo a gerar um novo tipo de misturas e produtos criativos” (LANKSHEAR; KNOBEL, 2011, p.105, tradução nossa).

Considerado um processo técnico-semiótico o remix vem sendo o método mais presente na produção de narrativas na cultura digital, e para isso são empregados dois modos básicos de montagem: a sequenciação ou intercalação e a sobreposição ou composição. A sequenciação (intercalação) corresponde ao encadeamento de determinados segmentos (recortes de vídeos, imagens), respeitando-se ou não a sequência em que apareciam nas obras-fonte, enquanto que a sobreposição (composição) corresponde à associação de diferentes camadas ou faixas de áudio simultâneas que passam a constituir uma unidade.

Bastante comuns nas narrativas que circulam na web, podemos analisar o remix tendo como base as mesmas “leis” fundadoras da cultura digital (LEMOS, 2005): a liberação do polo da emissão, a questão da conexão em rede e a reconfiguração do formato das mídias e novas práticas sociais. A questão da liberação da emissão significa, em simples palavras, que você pode/deve produzir e distribuir informações. As



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

diferentes produções da cibercultura vêm mostrando que o que está em jogo com a circulação de informação é a manifestação criativa de vozes e discursos sem a necessidade de passar por “editores”, sem a necessidade de pagar direitos autorais ou solicitar permissão de uso. A máxima é “produza informação”.

A conexão em rede pode ser explicada pela própria questão cultural. A nova cultura vem resgatando valores de colaboração de compartilhamento e estamos em uma constante luta, como nos afirma Brant: “(...) luta pela prevalência da colaboração e do compartilhamento sobre a competição e aprisionamento do conhecimento. [...] A defesa da liberdade do conhecimento não é uma simples questão de opção ideológica, mas uma postura a favor da luz contra as trevas. (BRANT, 2008, p. 73)

O que nos remete também às palavras de Jenkins, ao abordar inteligência coletiva e cultura participativa, quando afirma “nenhum de nós pode saber tudo; cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos nossas habilidades” (2008, p. 28). Essa é a tônica da cultura digital, cada um contribui com o que tem a dizer e o que sabe fazer e assim são produzidos novos produtos culturais.

Por fim, mas não menos importante, tratamos a lei da reconfiguração do formato das mídias, que, de certa forma, é apenas o resultado das duas anteriores. Falar em reconfiguração é remeter-se, mais uma vez, à participação do coletivo, cada um dando sua contribuição e modificando a cultura vigente. É pensar na reorganização e convivência de diversos formatos midiáticos: revistas on-line e impressas, espaço urbano e redes, podcast e rádio, TV e web, amigos de escola e de whatsapp.

A liberação da emissão (primeira lei), as conexões em rede (segunda lei), criando novos formatos e modificando outros (terceira lei), alteram a cultura. Produzimos novos formatos de bens culturais, realizamos novas formas de consumo, e passamos a ter novas visões sobre propriedade e autoria, uma autoria conjunta e remexida. Pensar remix é pensar em cibercultura. Assim como Lemos (2005) outro autor, que nos ajuda a pensar a cibercultura é Francisco Rüdiger. Em sua perspectiva, a produção na web proporciona o aparecimento de fenômenos que podem ser analisados por um “cultivo de mundo” denominado cibercultura. Segundo o Rüdiger (2011), a cibercultura, ao estar se popularizando como um bem de consumo de massa, une o pensamento cibernético com a informática da comunicação. Mesmo havendo divergências sobre os significados/sentidos da cibercultura, assim como de suas bases conceituais e teóricas, autores como Lemos e Rüdiger apontam para a importância deste conceito no que diz respeito ao acompanhamento das produções na sociedade atual.



2. METODOLOGIA

A análise das estruturas narrativas, especialmente da articulação dos diferentes meios e linguagens foi realizada, sobretudo, a partir das categorias de análise “estratégias interpretativas no texto” e “estratégias de compreensão e expansão narrativa” propostas por Scolari et al (2012). Na investigação focamos a atenção do desenvolvimento da narrativa, nas estratégias de enunciação audiovisual e especialmente na técnica de remix, bastante comum nas narrativas da contemporaneidade, especialmente as multimodais, disponíveis na web.

O *corpus* textual deste trabalho, considerando o caráter exploratório desta investigação, foi um vídeo divulgado via redes sociais (Facebook e Whatsapp) e disponível para acesso no YouTube, no canal de seu autor, “gustavowobeto”. No vídeo em questão é realizada uma crítica aos gastos com a reforma/manutenção da Ponte Hercílio Luz, na cidade de Florianópolis/SC - Brasil. Considerando as categorias de análise aplicadas, as quais serão apresentadas e desenvolvidas na próxima seção deste artigo, analisamos elementos como: uso das redes sociais e conteúdos produzidos por usuários; as tensões entre gênero e transmídia; a construção do leitor das narrativas transmídia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O texto escolhido para esta análise, intitulado “Chuck Norris explode a ponte Hercílio Luz”¹, é um vídeo produzido em 2015, com a duração de 1min e 53s. Nele há uma mescla entre trechos de cenas de filmes de Chuck Norris² e de materiais produzidos e veiculados no Jornal do Almoço (programa exibido pela RBSTV-SC, filiada da Rede Globo no Estado de Santa Catarina).

Conforme exposto na introdução deste artigo, o remix pode ser entendido como uma mistura de mídias e de ideias oriundas de diferentes textos e agregadas para formar um novo texto. Assim é o vídeo foco de nossa análise. Constituído pela técnica de remix, “Chuck Norris explode a ponte Hercílio Luz” apresenta basicamente: o áudio de um telejornal, imagens de um filme e do próprio telejornal, além de montagens, possivelmente realizadas pelo próprio autor da narrativa final. O material desta análise apresenta uma característica importante e comum em todas as narrativas digitais, não apenas as transmídia, o hibridismo.

¹ O vídeo amplamente divulgado vias redes sociais, está hospedado por seu autor no site You tube, no seguinte endereço: <https://youtu.be/xiyMOA39QI4>

² Carlos Ray Chuck Norris é um artista de artes marciais, ator, produtor de cinema e argumentista americano.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Conseguimos perceber na NT em questão a mistura de diferentes elementos narrativos (como vídeos variados, voz do personagem, áudio do telejornal, textos – legendas originais do telejornal e do filme, bem como fotos, design etc.) à mistura de estilos e técnicas. A narrativa “Chuck Norris explode a ponte Hercílio Luz” mistura linguagens, mescla gêneros, tudo dentro de uma mesma narrativa, algo que hoje é quase visto como natural nos meios digitais interativos.

É interessante destacar, que, para a total compreensão do vídeo não é necessário que o consumidor tenha conhecimento de quem é Chuck Norris, porém, caso conheça um pouco de seu histórico, a narrativa apresentada poderá torna-se mais clara e significativa, uma vez que o receptor irá conhecer os fatos ali apresentados e reconhecer as partes que compõe o todo. A seguir apresentamos, em imagens, partes do vídeo com uma breve descrição e análise das cenas.

Figura 1 – Chuck Norris descansando e vendo TV



Fonte: Vídeo do YouTube

Na primeira cena do vídeo, Chuck Norris está descansando e, posteriormente senta (Figura 1) para dar atenção às notícias que estão sendo veiculadas na TV. No áudio podemos ouvir a apresentadora de um programa bastante conhecido na região Sul, falando sobre as reformas que vem sendo realizadas na Ponte Hercílio Luz, cartão postal da cidade de Florianópolis-SC. É bem interessante a forma com que o vídeo começa, quando já podemos perceber a técnica de remix presente, uma vez que o vídeo vem de um filme e o áudio de um telejornal. Esta mistura do verbal e do visual é extremamente adequada e gera um novo produto sem dificuldades ou equívocos. Na sequência, percebemos o personagem de nossa análise atento às notícias, e pelo áudio é possível seguir acompanhando as informações passadas pelos apresentadores do telejornal, os quais passam a falar da necessidade de haver mais transparência com os valores investidos na restauração da ponte. A partir deste momento começa a haver uma mescla também de imagens do telejornal.



Figura 2 – âncoras do Jornal do Almoço apresentando as notícias, emoldurados na TV de Chuck



Fonte: Vídeo disponível no youtube

Na Figura 2 percebemos nitidamente a remixagem dos vídeos, com uma sobreposição (imagem do telejornal sob a televisão original do filme de Chuck Norris). Esta é uma discussão bem importante quando falamos em narrativas transmídia, quando reafirmamos que seus autores devem ter a habilidade para escolher a melhor maneira de usar as forças de cada meio para contar as diferentes partes da história, o que se percebe claramente aqui, visto que a projeção de um programa real se mescla à ficção trazendo legitimidade ao que está sendo exposto e discutido.

As narrativas transmídia possibilitam que seus autores decidam como e quando vão usar cada mídia na contação da história, isso fica bem nítido nas sequências seguintes de cenas. Nesta cena (Figura 3) do vídeo, segue havendo a mistura de mídias e a construção de sentidos vai ficando cada vez mais clara, isso porque além das imagens do personagem e do áudio do telejornal, dados começam a aparecer, como se estivessem sendo apresentados ao personagem.

Figura 3 – Algumas das informações apresentadas no vídeo



Fonte: Vídeo disponível no youtube

Nesta sequência de cenas, em que a técnica remix é empregada tanto na sequenciação (intercalação), como na sobreposição (composição) percebe-se que a mistura de ideias e de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

elementos resulta em um novo produto. As “partes” só são percebidas claramente por aqueles que conhecem separadamente cada uma das mídias ali misturadas, caso contrário, a compreensão se dá a partir apenas no resultado da remixagem, pois há unidade no novo produto. Cabe, neste momento, retomar a questão do leitor do remix, pois será a partir de suas experiências em cada gênero textual, em cada suporte, que o leitor da ‘narrativa remix’ conseguirá realizar as reconfigurações e associações para a compreensão deste novo texto. Um leitor de remix estará em um constante (re)pensar, (re)projetar, (re)criar e (re)inventar materiais e recursos, fazendo, a partir daí, suas próprias narrativas.

Dando sequência à descrição das cenas, o vídeo prossegue com informações do tempo de investimento na ponte. No áudio podemos acompanhar que a reforma vem sendo prometida/realizada desde o ano de 1982 e que já foram 11 governadores à frente desta manutenção. Informado de valores de gastos e tempo de execução de obra, o personagem passa a ser tomado por uma ira que se manifesta com um golpe na televisão (Figura 4).

Figura 4 – Chuck Norris tomado por raiva pelo que está sendo divulgado



Fonte: Vídeo disponível no youtube

Com a fala de “Está na hora” (Figura 5) o personagem, diante de tantas informações negativas (gastos abusivos com a reforma da ponte, falta de resultado, tempo de investimento), resolve tomar uma atitude e “solucionar o problema”.

Figura 5 – A tomada de decisão





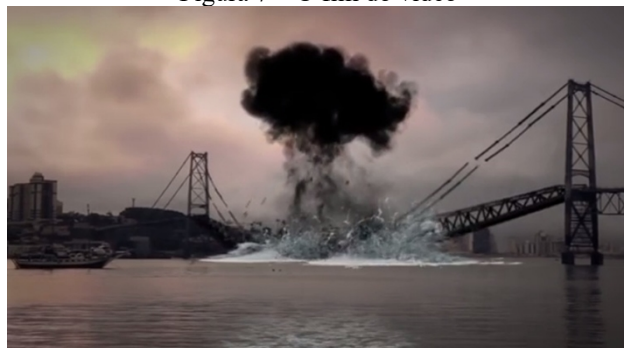
A partir daí o áudio do vídeo (antes a narrativa do telejornal) é substituído por uma música instrumental característica de cenas/filmes de ação. Quando o personagem toma a decisão de fazer algo, aparece uma cena bastante conhecida de Chuck Norris armado, carregando sua bazuca (Figura 6). Logo, na sequência, é apresentado um final inusitado: a explosão da ponte Hercílio Luz (Figura 7).

Figura 6 – O meio encontrado por Chuck Norris para resolver o problema



Fonte: Vídeo disponível no youtube

Figura 7 – O fim do vídeo



Fonte: Vídeo disponível no youtube

O final do vídeo mostra mais uma vez em destaque a técnica de remix, onde o autor mescla uma imagem da ponte a uma montagem de explosão. Este vídeo, como dissemos anteriormente, foi amplamente divulgado no ano de 2015, especialmente após vir à tona na imprensa algumas informações sobre os gastos abusivos com a reforma que continua sendo realizada por décadas e não chegou ao seu final. É interessante reforçar aqui o quanto o uso das redes sociais vem servindo como canal de divulgação de conteúdos produzidos por usuários, além de, mais uma vez, destacar o papel ativo dos consumidores, hoje também produtores de conteúdo, o que fica bem claro na última cena, onde o autor do vídeo-remix cria através de recursos gráficos a explosão da ponte.



4. CONCLUSÕES

Após as discussões e a análise, podemos dizer que as Narrativas Transmídia vêm surgindo e sendo produzidas dentro do contexto da cultura da convergência. Como evidenciamos neste artigo, deste conceito definido por Henry Jenkins como o “movimento” de conteúdos por meio de múltiplas plataformas e após a análise aqui apresentada, podemos retirar diversas ideias bem importantes.

A primeira aqui abordada diz respeito aos diferentes desenvolvimentos e domínios técnicos necessários para produções de NT e como estas técnicas (destacando, mais uma vez, o remix) vêm propiciando a criação de um novo ecossistema midiático que mistura imagens, sons, vídeos e músicas, mas que vai além, associando produtores, criadores e consumidores. A segunda ideia é a de que a produção de narrativas hoje, no meio digital, vem “obrigando” que emissores busquem novas formas de transmitir informações, pois as recepções estão cada vez mais heterogêneas, e os interesses e conhecimentos bastante variáveis, mesmo que estejam em um mesmo espaço geográfico. Como uma terceira questão, destacamos algo bastante associado à segunda ideia, pois percebemos que a capacidade de compreensão e atribuição de significado nas NT está amplamente relacionada ao pré-conhecimento que o receptor tem das partes (elementos constitutivos de uma narrativa que tenha remix como técnica de produção). E destacamos ainda aqui para a compreensão da “mistura”, do “todo”, é importante o reconhecimento das “partes”.

Tomando tais considerações como ponto de partida, ainda destacamos algumas questões que precisam ser discutidas: quais as reais diferenças entre as narrativas ditas clássicas e as contadas em diferentes meios? O que leva determinado produtor a escolher certa plataforma/mídia e não outras/s? Estes e outros questionamentos certamente ainda serão discutidos, em outros textos.

Por fim, reafirmamos a existência de uma nova cultura, cultura esta que surge em um cenário que não é mais de observação, mas sim de atuação. Uma cultura hipermediática em que as ações/produções dos consumidores se tornam mais intensas e que a divulgação de seus conteúdos passa a ser mais rápida e livre. As atitudes na web, não mais passivas, estão carregadas de protagonismo, e, cada vez mais, assumimos um papel ativo dentro do processo comunicativo.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

REFERÊNCIAS

ARANHA, G. **Narrativas transmídias e novos esquemas cognitivos: evolução e adaptação nos sistemas da escrita**. Trabalho apresentado no XII Congresso Internacional da ABRALIC *Centro, Centros – Ética, Estética*, Curitiba, 2011.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BRANT, J. O lugar da educação no confronto entre colaboração e competição. In: PRETTO, N L.; SILVEIRA, S.A (org.). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 69-74

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. Rio de Janeiro: Aleph, 2008.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. Remix: la nueva escritura popular. **Cuadernos comillas**, v. 1, 2011. Disponível em: http://everydayliteracies.net/files/8_Knobel_Lankshear.pdf Acesso em 18/12/2015

LESSING, L. **Cultura livre: Como a Grande Mídia Usa a Tecnologia e a Lei Para Bloquear a Cultura e Controlar a Criatividade**. São Paulo: Editora Trama, 2005.

LEMONS, André. **Ciber-cultura-remix**. São Paulo, Itaú Cultural, 2005. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/remix.pdf> Acesso em: 17/10/2015.

RÜDIGER, F. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre. nº 22 dezembro 2003, quadrimestral. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewFile/229/174> Acesso em: 21/10/2015.

SCOLARI, C. **Narrativas Transmedia: cuando todos los medios cuentan**. Barcelona: Deusto, 2013.

SCOLARI et al. Narrativas transmediáticas, convergencia audiovisual y nuevas estrategias de comunicación. **CUADERNS DEL CAC**, 38, Vol. 15. Barcelona: 2012.